



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS INGLÊS

EDUARDA DOS ANJOS OLIVEIRA

**REFLEXÕES SOBRE O BEM E O MAL NA TRAJETÓRIA DOS PERSONAGENS
HAMLET, DE SHAKESPEARE E NA CRIATURA DE *FRANKENSTEIN*, DE MARY
SHELLEY: UM ESTUDO COMPARATIVO**

GUARABIRA
2024

EDUARDA DOS ANJOS OLIVEIRA

**REFLEXÕES SOBRE O BEM E O MAL NA TRAJETÓRIA DOS PERSONAGENS
HAMLET DE SHAKESPEARE E NA CRIATURA DE *FRANKENSTEIN*, DE MARY
SHELLEY: UM ESTUDO COMPARATIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus III,
Guarabira, em cumprimento aos requisitos para obtenção
do grau de Licenciatura Plena em Letras – Habilitação em
Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura Comparada

Orientador: Prof^a Dra. Ana Carolina Dias da Costa

GUARABIRA

2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48r Oliveira, Eduarda dos Anjos.

Reflexões sobre o bem e o mal na trajetória dos personagens Hamlet, de Shakespeare e na Criatura de Frankenstein, de Mary Shelley [manuscrito] : um estudo comparativo / Eduarda dos Anjos Oliveira. - 2024.

28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Ana Carolina Dias da Costa, Coordenação do Curso de Letras - CH. "

1. Análise Comparativa. 2. Bem. 3. Mal. 4. Hamlet. 5. Criatura. I. Título

21. ed. CDD 820.9

EDUARDA DOS ANJOS OLIVEIRA

**REFLEXÕES SOBRE O BEM E O MAL NA TRAJETÓRIA DOS PERSONAGENS
HAMLET, DE SHAKESPEARE E NA CRIATURA DE FRANKENSTEIN, DE MARY
SHELLEY: UM ESTUDO COMPARATIVO**

Trabalho de conclusão de curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação/Departamento do Curso Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras Inglês.

Área de concentração: Literatura Comparada

Aprovada em: 07/06/2024.

BANCA EXAMINADORA



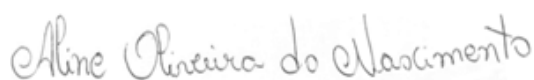
Profa. Dra. Ana Carolina Dias da Costa (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Waldir Kennedy Nunes Calixto

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Aline Oliveira do Nascimento

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, por todo amor, esforço e apoio,
DEDICO.

2024

**REFLEXÕES SOBRE O BEM E O MAL NA TRAJETÓRIA DOS PERSONAGENS
HAMLET DE SHAKESPEARE E NA CRIATURA DE FRANKENSTEIN, DE MARY
SHELLEY: UM ESTUDO COMPARATIVO**

Eduarda dos Anjos Oliveira¹

RESUMO

O presente artigo concentra-se na análise comparativa entre os personagens Hamlet, da peça homônima de Shakespeare e a Criatura de *Frankenstein*, buscando realizar reflexões sobre o bem e o mal no desenvolvimento dos personagens ao decorrer de suas histórias, analisando como esses elementos interferiram em suas ações e conduta. Este estudo desenvolveu-se com base nas leituras de pesquisas sobre o tema, a iniciar pelas considerações de Tânia Franco Carvalhal (2006) sobre a literatura comparada; bem como os conceitos e reflexões filosóficas para discutir sobre o bem e o mal, tendo como aporte teórico Camila Pereira Lisboa (2016) e Aristóteles (1991). Além disso, utilizamos das considerações sobre o mal na literatura de George Bataille (1989) para refletir acerca disso no personagem a Criatura de *Frankenstein*, e das contribuições de Marco Antônio S. Monteiro (2021) para a análise do personagem Hamlet. Contamos também com os conceitos do dicionário online Dicio para buscarmos uma definição de bem e de mal. Os procedimentos metodológicos utilizados nessa pesquisa foram de finalidade básica, explicativa, qualitativa, bibliográfica e comparativa. A partir dessa análise e no decorrer dela, podemos observar como o bem e o mal estão ligados as motivações que ocasionaram transformações nas ações, conduta, e escolhas dos personagens estudados, assim como notamos semelhanças e diferenças entre ambos. Esse estudo contribui abrangendo a visão sobre o campo de estudo aqui tratado, e com informações sobre como acontece a construção dos personagens em relação a influência do bem e do mal, além do mais, o trabalho mostra como a literatura independente do tempo, trata de temas atuais, assim, com todos esses pontos cooperamos para futuros estudos na área.

Palavras-chave: Análise comparativa; Bem; Mal; Hamlet; Criatura.

ABSTRACT

This article focuses on the comparative analysis of the characters Hamlet and Frankenstein's Creature, seeking to reflect on good and evil in the development of the characters over the course of their stories, analyzing how these elements interfered in their actions and conduct. This study was developed based on reading research on the subject, starting with Tânia Franco Carvalhal's (2006) considerations on comparative literature; as well as philosophical concepts and reflections to discuss good and evil, using Camila Pereira Lisboa (2016) and Aristotle (1991) as theoretical input. In addition, we used George Bataille's (1989) considerations on evil

¹ Graduanda em Letras-Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e-mail: eduardaanjos.olv@gmail.com

in literature to reflect on it in the character of Frankenstein's Creature, and Marco Antônio S. Monteiro's (2021) contributions to the analysis of the character Hamlet. We also relied on concepts from the online dictionary Dicio to find a definition of good and evil. The methodological procedures used in this research were basic, explanatory, qualitative, bibliographical and comparative. From this analysis and throughout it, we can see how good and evil are linked to the motivations that caused transformations in the actions, conduct and choices of the characters studied, as well as noting similarities and differences between the two. This study contributes by broadening the view of the field of study dealt with here, and by providing information on how the construction of the characters takes place in relation to the influence of good and evil.

Keywords: Comparative Analysis; Good; Evil; Hamlet; Creature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 Notas sobre a Literatura Comparada.....	9
3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O BEM E O MAL.....	10
3.1 O bem e o mal em <i>Frankenstein</i>	12
3.2 O bem e o mal em <i>Hamlet</i>	18
4 Convergências e divergências entre os personagens Hamlet e a Criatura de <i>Frankenstein</i>	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	28

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem a intenção de realizar um estudo comparativo tendo como objeto de análise dois personagens, sendo estes: Hamlet, da peça homônima de William Shakespeare, escrita por volta de 1599 e 1601, e do personagem a Criatura do romance *Frankenstein* da escritora Mary Shelley, publicado em 1818. O intuito dessa análise é identificar como as questões do bem e do mal interferiram na personalidade dos personagens supracitados, perante todo o decorrer das suas trajetórias nas obras citadas.

Em ambas as narrativas, a vida dos personagens apresenta um desejo em comum: vingança. Embora não faça parte do foco de análise desse estudo, ressaltamos que apesar da Criatura de *Frankenstein* ter esse desejo, no final do romance ela demonstra pena de Victor, e arrependimento do que causou na vida de seu criador. Retomando ao fato dos traços vingativos, é notório o quanto o caráter de ambos os personagens Hamlet e a Criatura, se moldam ao decorrer das suas histórias. A criatura que Victor Frankenstein projetou criar era vista ainda quando se tratava apenas de um plano, como algo para ser bom e inédito para a humanidade e para a ciência, portanto, todas as expectativas que Victor criou sobre sua criatura seriam promissoras. Entretanto, seu criador não se atentou para os pontos negativos que poderiam vir com sua criação, e após consumir seu projeto, sentiu um pavor a ponto de abandonar aquele a quem ousou se referir até mesmo como “filho”, fazendo com que o monstro se revoltasse contra ele, buscando vingança.

Na história de Hamlet, a ideia de vingança não parte do próprio personagem, mas sim do espírito de seu pai que o visita em uma determinada noite para revelar que foi morto por Cláudio: tio paterno de Hamlet, e agora rei. Após essa revelação, Hamlet fica atordoado como as informações que recebeu, e entra em delírio entre o que é real e o que não é, e assim, busca planejar vingança contra seu tio para vingar o assassinato do pai.

A análise comparativa desse trabalho e o seu principal objetivo, será observar como o bem e o mal influenciaram as ações e a conduta dos dois personagens, tendo em vista que ambos passaram por situações inesperadas que os fizeram transformar seu caráter ao decorrer de suas histórias, havendo uma interferência na bondade deles e uma inflamação gerada pelo “mal” das situações em que foram colocados, desse modo, aderindo a atos e vontades violentas, que até então, não faziam parte da personalidade de ambos.

Sabe-se que o bem e o mal são características observáveis em diferentes personagens e obras, buscaremos através dessa pesquisa responder o questionamento de como o bem e o mal influenciam as ações dos personagens, analisando a personalidade de ambos partindo do início de suas histórias até o momento final. Estimamos que os acontecimentos e as situações as quais os personagens são expostos moldam quase que completamente a conduta moral e o comportamento dos dois personagens, independente do que julgavam ser correto ou errado antes, pois o impacto das ocorrências causa sofrimento e despertam emoções que são involuntárias, assim, a personalidade entra em conflito interno e tende a não ter o mesmo domínio sobre seus atos ou pensamentos, sendo guiados muitas vezes pelo impulso.

Para a execução desse estudo recorreremos a metodologia de finalidade básica, que propõe “gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais” (Silveira e Cordóva, 2009, p.34). Empregaremos também os estudos comparativos, afim de “[...] apreender o objeto de estudo em seu contexto, com base no que lhe é específico, mas sem trata-lo como objeto isolado, separado daquilo que lhe dá significado [...]” (Carvalho, 2013, p. 429). Adotaremos a abordagem qualitativa, que “preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.” (Silveira e Cordóva, 2009, p. 32). Além disso, utilizaremos na presente pesquisa a abordagem explicativa, que “tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas” (Gil, 2002, p. 42). Assim, buscaremos esclarecer os fatos e fatores do nosso objeto de pesquisa por meio do método apresentado.

O tema do presente trabalho surgiu a partir da leitura do romance *Frankenstein* de Mary Shelley, de modo que rapidamente foi despertada uma assimilação com o personagem Hamlet, de Shakespeare, devido a ambos os personagens buscarem vingança. Desse modo, surgiu o interesse em analisar como o bem e o mal influenciou as ações dos dois, tendo em vista que é um assunto atemporal e presente em incontáveis obras, assim, as contribuições que a pesquisa proporcionaria seriam de grande relevância.

Conduziremos essa pesquisa, buscando a princípio, explorar definições e conceitos sobre o bem e o mal, tendo como apoio materiais que proporcionem uma revisão literária sobre o assunto, assim como utilizaremos também de conceitos filosóficos, assim, prestando uma melhor compreensão sobre seus diversos aspectos. Após isso, investigaremos como o bem e o mal se manifestam na Criatura de *Frankenstein* de Mary Shelley, observando como as ações,

conflitos internos e conduta moral do personagem foram influenciados. Em seguida, faremos o mesmo processo de leitura crítica da peça *Hamlet* de Shakespeare, explorando a relação de Hamlet com o bem e o mal e também os aspectos analisados na Criatura. Por fim, efetuiremos um estudo comparativo entre os dois personagens, buscando destacar os pontos de convergências e divergências entre eles.

O presente trabalho foi dividido em três partes, sendo a primeira delas uma breve apresentação sobre a literatura comparada para informar sobre sua definição, tendo como embasamento teórico as contribuições de Tânia Franco Carvalhal (2006). A segunda parte foi dedicada a descrever breves considerações sobre o bem e o mal, expondo algumas concepções filosóficas a respeito do tema, utilizando o dicionário online Dicio (2024), e estudos filosóficos de Aristóteles (1991) e Camila Pereira Lisboa (2016). Ainda como aporte teórico utilizamos as reflexões sobre o mal na literatura de George Bataille (1989) e as análises de Marco Antônio S. Monteiro (2021). Como segmentação desse tópico, foi definido dois subtópicos para realizar a análise dos personagens e a influência do bem e do mal na trajetória de ambos, sendo feita assim uma reflexão sobre as situações que eles enfrentam e o impacto e as consequências de como os personagens lidam com elas. A terceira parte desse trabalho foi feita a análise comparativa entre os personagens, apontando as semelhanças e as divergências identificadas entre o príncipe Hamlet, e a Criatura de *Frankenstein*.

2 NOTAS SOBRE A LITERATURA COMPARADA

A literatura comparada teve origem em território europeu por volta do século XIX, mas foi no século seguinte que os estudos comparatistas começam se expandir academicamente. A prática de comparar já era conhecida antes mesmo de se tornar um ramo de estudos acadêmicos. A expressão “comparar” já é de entendimento instantâneo a qualquer indivíduo, pois como afirma Carvalhal: “comparar é um procedimento que faz parte da estrutura de pensamento do homem e da organização da cultura.” (Carvalhal, 2006, p. 7). Para uma melhor compreensão da Literatura Comparada, é essencial conhecermos sua evolução ao decorrer do tempo até os dias atuais. De acordo com Carvalhal “O surgimento da literatura comparada está vinculado à corrente de pensamento cosmopolita que caracterizou o século XIX, época em que comparar estruturas ou fenômenos análogos, com a finalidade de extrair leis gerais, foi dominante nas ciências naturais” (Carvalhal, 2006, p. 9).

A literatura comparada visa explorar diálogos entre diferentes obras, nas quais inúmeros aspectos podem ser analisados como: personagens, simbologias, intertextualidade, estrutura das

obras, narrativas, motivações, cultura, bem como influências de outros aspectos, atingindo uma vasta área de estudos. Através da literatura comparada podemos ter uma compreensão ampliada sobre as semelhanças entre obras, que indicam que há sempre um diálogo, simbologias, características e inspirações literárias sendo recriadas de forma crescente utilizadas nas histórias escritas de tantos autores ao decorrer do tempo. Também podemos notar que as diferenças diagnosticadas entre as obras literárias ressaltam as particularidades culturais de cada autor, bem como suas particularidades e preferências de narrativas. Desse modo, entendemos que “[...] a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe.” (Carvalho, 2006, p.8). Portanto, a prática comparatista é um instrumento de análise que age em função de ampliar o objeto estudado, alcançando assim, resultados acerca das relações entre duas ou mais obras literárias analisadas e suas compatibilidades.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O BEM E O MAL

Para dar início a essa pesquisa, foi consultado o dicionário online Dicio com o objetivo de conhecer um significado inicial para o bem e o mal, termos esses que o dicionário supracitado afirma que o mal é: “Contrário ao bem; que prejudica ou machuca” (Dicio, 2024) e o bem é definido como: “de modo justo, honesto ou correto” (Dicio, 2024). Advindo disso, desde os primórdios da humanidade, o bem e o mal são objetos de estudos de inúmeros estudiosos e pensadores, assim como é um assunto que predomina a mente de praticamente todo ser humano, ou já ocorreu em algum momento.

A filosofia dispõe de diversas definições, perspectivas e pesquisas acerca do bem e do mal, suas consequências e principalmente sua natureza, a grande questão é explorar se o mal é algo naturalmente humano, ou não. O filósofo Jean- Jacques Rousseau (1712-1778) diz que o homem não nasce mau, é naturalmente bom, mas é corrompido pela convivência em sociedade. Por outro lado, podemos fazer um contraste de uma outra perspectiva sobre o tema a partir do pensamento do filósofo Thomas Hobbes (1588-1679) que disse acreditar que homem possui o mau já em sua essência, e é o “lobo” de sua própria espécie, predisposto a violência.

Na filosofia aristotélica é levantada uma fundamentação na qual a felicidade entra em equilíbrio com a definição de bem, em seu livro *Ética a Nicômaco* pode-se notar a teorização de que a felicidade é advinda das boas ações morais e políticas do homem, e que de acordo com suas boas ações ele torna a vida mais virtuosa como se fosse esse o sentido da vida:

Ora, muitas coisas acontecem por acaso, e coisas diferentes quanto à importância. É claro que os pequenos incidentes felizes ou infelizes não pesam muito na balança, mas uma multidão de grandes acontecimentos, se nos forem favoráveis, tornará nossa vida mais venturosa (pois não apenas são, em si mesmos, de feição a aumentar a beleza da vida, mas a própria maneira como um homem os recebe pode ser nobre e boa); e, se se voltarem contra nós, poderão esmagar e mutilar a felicidade, pois que, além de serem acompanhados de dor, impedem muitas atividades (Aristóteles, 1991, p. 16).

Ao analisar o trecho acima, surge a possibilidade de fazer uma comparação aos objetos de estudo desse trabalho (os personagens Hamlet, e a Criatura de *Frankenstein*) avaliando como a citação de Aristóteles pode ser percebida no desenvolvimento do caráter da Criatura e também no príncipe Hamlet. Para relacionar ao primeiro personagem citado, sabendo que inicialmente a criatura luta pela aceitação tanto de seu criador quanto da sociedade, e que são o acúmulo de pequenas coisas que acontecem quase que simultaneamente gerando grande impacto em suas ações futuras, causando um sentimento de revolta e vontade de destruição contra aquele que o trouxe a vida.

Ainda, é visto que a presença tanto de ações boas quanto de ações ruins pode levar a destruição de uma vida feliz e virtuosa, aspecto esse que foi capaz de afetar tanto a vida do monstro quanto a vida de Victor Frankenstein, fazendo com que o destino de ambos fosse levado a grandes perdas e dores.

Na história de Hamlet, também é possível observar que apesar do evento da morte de seu pai o príncipe estar totalmente devastado pelo luto, não fica tão claro a presença de desejos malignos ou de teorias sobre seu pai ter sido assassinado, assim, o destino final da peça referente às ações vingativas praticadas por Hamlet são fundadas pouco a pouco a partir do acúmulo de informação e de acontecimentos que o marcam no percurso, desse modo, ele planeja sua vingança contra Cláudio, mas que infelizmente finda por destruir a vida de todos aqueles que o cercavam.

Partindo brevemente para uma outra concepção de doutrina filosófica, pode-se considerar de relevante os estudos sobre o existencialismo, âmbito que se manifestou no final do século XIX, trazendo em sua fundamentação a reflexão sobre a influência que a liberdade tem em fazer o ser humano ser responsável pelo seu destino, de maneira que visa explorar a própria existência do ser humano e qual sua função no ato de existir.

Um dos representantes de destaque do existencialismo e que compensa destacarmos aqui é o filósofo Jean-Paul Sartre (1905-1980) ele acreditava que o ser humano era condenado à liberdade, e que essa liberdade era o combustível do homem. Para Sartre, apesar dos acontecimentos externos terem impacto sobre as ações humanas, ainda assim, o homem seria responsável por fazer escolhas e essas escolhas o condenariam.

Trazendo esse pensamento existencialista do filósofo para os objetos de estudo dessa pesquisa, questionaríamos o papel da escolha que os personagens Hamlet e a Criatura fazem ao longo da sua jornada em suas histórias, entretanto, afim de abordar as diferentes perspectivas filosóficas, nota-se que muitas teorias sobre o bem e o mal na formação moral de ambos podem ser formadas, e a citação sobre essas reflexões de diferentes conceitos filosóficos são importantes para mostrar que há muito o que ser explorado, e que não há como afirmar que pertencem isoladamente a qualquer uma, bem como examinaremos como as situações as quais os personagens são submetidos influenciam em suas atitudes.

O escritor francês George Bataille (1897-1962) traz importantes reflexões sobre o mal em seu livro *A literatura e o Mal*, no qual ele investiga a complexidade do que o mal pode influenciar ou até mesmo inspirar na literatura, refletindo sobre a moralidade e a essência humana. O escritor explora as condições humanas em diversas obras literárias renomadas, abordando o mal em temas como transgressão, violência e moral afim de compreender as motivações reveladas através da literatura. Considerando os personagens estudados nesse trabalho, tendo em vista que a vingança que ambos buscam é de pôr fim a vida daqueles a quem consideram seus inimigos, Bataille afirma que: “É o sadismo que é o Mal: se se mata por um proveito material, não é o verdadeiro Mal, o Mal puro, já que o assassino, além do proveito obtido, tem prazer em ter ferido” (Bataille, 1989, p.14). Em diálogo com essa citação, é importante observar se quem age em prol do mal o faz por prazer, ou se há um outro impulso que o motiva ao ato.

3.1 O bem e o mal em *Frankenstein*

O romance escrito por Mary Shelley apresenta um personagem que possui grande fascínio e curiosidades acerca da ciência, especificamente sobre os estudos que tratam da criação da vida, ou das possibilidades de restabelecê-la. O personagem em questão é o Victor Frankenstein, estudioso que idealiza e projeta animar um ser inanimado, ser esse que seria gerado a partir de restos mortais de humanos e animais, assim, construindo uma Criatura do zero, peça por peça, sendo moldado a mão cada parte que o compõe.

Nesse estudo, a atenção será voltada para os princípios fundadores do bem e do mal, buscando realizar uma reflexão de como eles estão presentes e se desenvolvem ao decorrer da história na vida da criatura, levando em consideração todos os aspectos importantes a serem analisados ao estudar sua postura e conduta moral em relação ao impacto vivenciado por ele no decorrer da história, tendo em vista os seguintes fatores: A conduta que seu criador teve com a

criatura desde seu nascimento; A falta de responsabilidade por parte de Victor ao interferir em leis científicas inexploradas e até então sem fundamentos que o assegurassem acerca dos resultados; a interferência do comportamento da sociedade com a criatura e o conceito de “monstruoso” que socialmente o fez ser rejeitado apenas por sua aparência, assim, fazendo com que ele mantivesse uma busca inalcançável por aceitação, e compreender como todos esses pontos foram moldando o caráter do monstro para que ele fosse demonstrando traços do bem e do mal em seu percurso.

Partindo de sua grande obsessão, Victor desafia toda a ciência e princípios morais, alimentando uma idealização sobre aquele ser ao qual arriscaria “animar”, sem pensar em consequências, sendo guiado unicamente pelo fervor do que poderia deixar de ser apenas utopia, desse modo, tudo o que imaginava era o quão reconhecido seria por tamanho feito científico. Toda ação, seja ela planejada ou feita impulsivamente, terá uma reação, e com isso virão consequências que muitas vezes passam despercebidas. Nota-se que desde o princípio a idealização de Victor Frankenstein não era abandonar sua criação quando ganhasse vida, ou fazer com que este se revoltasse contra ele gerando grandes dores e desastres em sua vida, entretanto, vale ressaltar uma citação de Bataille no livro *A literatura e o mal*:

A humanidade persegue dois fins, de que um, negativo, é conservar a vida (de evitar a morte), o outro, positivo, de lhe aumentar a intensidade. Estes dois fins não são contraditórios. Mas a intensidade jamais aumentou sem perigo; a intensidade desejada pela maioria (ou o corpo social) está subordinada à preocupação de manter a vida e suas obras, que possui um primado indiscutido (Bataille, 1989, p. 64).

Bataille (1989) alerta no trecho supracitado que há uma linha entre os fins do bem e do mal, atentando-se de que grandes perigos são inevitáveis quando está totalmente envolvido pela ambição do que se quer alcançar. A empolgação do cientista o cegou contra qualquer fim maligno que poderia surgir a partir da existência de sua criatura, embora aparentemente possa dar a entender que tinha boas intenções com sua obra, sua persistência por algo tão desafiador resultou em uma reação que estava além de sua compreensão humana, havendo espaço apenas para seu desejo ambicioso: “Uma nova espécie abençoar-me ia com criador e origem; muitas personalidades felizes e excelentes deveriam a mim a própria existência. Nenhum pai poderia reivindicar a gratidão de seu filho de maneira tão completa quanto eu reivindicaria a deles.” (Shelley, 2017. p. 69). Observando a citação, é notório a dominância emocional de entusiasmo e ambição de Frankenstein, em momento algum ele supõe que sua Criatura quando concebida a vida, poderia causar algum tipo de horror, de certo modo, o cientista ficou dividido e dominado pela ilusão do conhecimento, enxergando apenas a empolgação de sua técnica inédita

e desconsiderando qualquer desvantagem que viessem a derivar das imediações de sua criação. De acordo com Stephen Hawking (1942-2018) a ilusão de conhecimento é muito mais trágica que qualquer ignorância, e justamente guiado por tamanha ignorância, Frankenstein dá vida a um ser que destruiria sua carreira e sua vida pessoal.

Ao falar da ausência que Victor teve de imaginar reações catastróficas com sua criação, e entender que tudo aquilo que estava por vir seria intenso demais para qualquer ser humano, pois nada parecido havia sido presenciado e assim ele não tinha conhecimento de que tudo aquilo poderia assustá-lo imensamente, é importante lembrar de que em determinado momento o cientista nega temer qualquer que seja a força sobrenatural:

Em minha educação, meu pai tomou as maiores precauções para que eu não me impressionasse com horrores sobrenaturais. Nem mesmo recordo-me de estremecer com um conto de superstição ou temer a aparição de um espírito. As trevas não tinham efeito sobre minha imaginação, e o adro de uma igreja era para mim tão somente o receptáculo de corpos privados de vida, que, antes fonte de beleza e vigor, tornaram-se alimento para os vermes (Shelley, 2017. p. 67).

O trecho acima apresenta uma afirmação do cientista sobre seres não humanos e tudo que representasse esse mundo de espectros. Sendo assim, ele se mostrava confiante de que sua tarefa supriria suas expectativas, e que o recompensaria por ter abdicado de seus prazeres naturais e sociais, para dedicar-se totalmente a sua missão ilegítima que o fez afastar-se de suas afeições pela natureza simples e seus familiares e amigos, não deixando espaço para qualquer hipótese de frustração ou aversão que sua criatura poderia trazer.

A grande mudança na vida de Victor dá início desde o primeiro suspiro do monstro, nesse momento é observável o contraste de mudança das expectativas que o cientista demonstrava desde o início do percurso até a concepção da criatura, que o deixa totalmente enrijecido e horrorizado por aquilo que tanto sonhou realizar. O evento é descrito dando ênfase ao estado de choque em que seu criador fica, Victor encontra-se completamente perdido e despreparado para reagir ao que gerou.

Como posso descrever as emoções ante a catástrofe ou como retratar o infeliz que com dores e cuidados esforcei-me por formar? Bom Deus! Sua pele amarelada mal cobria o contorno dos músculos e das artérias que apareciam por baixo; seus cabelos eram de um preto lustroso e ondulante, os dentes possuíam uma alvura perolada, mas essas exuberâncias só faziam um contraste mais horrendo ainda com os olhos úmidos que pareciam se diluir nas cavidades em que jaziam, sua compleição ressequida e os lábios retilíneos, enegrecidos (Shelley, 2017. p. 75).

A questão do bem e o mal sobre a criatura pode ser observada a partir da cena em que Victor para de enxergá-lo como um êxito ideal, ainda no ambiente em que foi criado, e o identifica como uma aberração, havendo toda uma sobrecarga de rejeição perante aquilo que tanto desejou ver executado, dessa forma, desde seus primeiros momentos de vida o “monstro”, que ainda desnortado sobre si mesmo, começa a ser induzido a se virar sozinho e a lidar com a privação de desfrutar as alegrias da vida, sendo abandonado pelo próprio criador, que dali em diante nutriria apenas ódio e o amaldiçoaria drasticamente.

Nos primeiros dias de vida da Criatura, ele teve que se deparar com as atividades naturais do mundo, descobrir sozinho que possuía sensações, sentidos e sentimentos, que sentia fome e que também sozinho teve a necessidade de buscar por alimento e mantimentos para manter-se vivo, sem qualquer tipo de orientação de sua figura “paterna”. A Criatura era como um bebê recém-nascido, que, embora com sua estatura extremamente grande e aterrorizante para qualquer ser que o visse, não tinha nem ao menos noção de que sua aparência seria uma questão para o mundo destrutá-lo.

Os primeiros relatos que o monstro descreve no romance demonstram que os sentimentos que ele experimentou desde o início de sua vida foram os de tristeza, embora não tivesse consciência de seus próprios sentimentos ainda, nem sobre a sociedade ou a natureza, instintivamente sabia que estava completamente só no mundo. Pode-se observar esses sentimentos iniciais no seguinte trecho: “Era um desgraçado pobre desamparado, miserável. Nada compreendia e distinguia, mas a dor, essa sim, invadia-me por todos os lados. Sentei-me e chorei” (Shelley, 2017, p. 117).

Tratando-se de um ser humano, seria quase que inevitável que qualquer outro indivíduo se compadeceria do ser ao presenciar tamanha tristeza e desgosto, caso não fosse aquela criatura de alta estatura, e feições cadavéricas, não teriam lhes prestado suporte e cuidados ao imaginá-lo tão só e em estado de vulnerabilidade? Sua aparência o condenou socialmente e principalmente por Victor, aquele que deveria ter tomado a frente em seus cuidados. Se fosse naturalmente humano, todos que o vissem lamentariam que a primeira coisa que sentisse na vida fosse desprezo e dor, sentimentos esses que a criatura não provocou por atos próprios, mas sim, que foram gerados pela consequência do abandono de seu criador.

Sabe-se que após alguns anos a criatura tomaria consciência do que Frankenstein o causou, e que o sentimento de vingança tomaria conta de seu ser, buscando destruir tudo e todos que alegravam a vida do jovem cientista, e principalmente a Victor, mas a princípio seria difícil afirmar que a criatura “nasceu” com todo o mal dentro de si, e que unicamente por seus trejeitos de monstro, era má por si só.

As narrativas iniciais do monstro demonstram que ele sentia prazer em ações naturais e que era capaz de admirar a beleza da lua como qualquer ser humano, era capaz de sentir encanto pela natureza quase que com gratidão por poder desfrutar de toda aquela paisagem, sons agradáveis e diversos prazeres que iria conhecendo ao decorrer de sua caminhada, como poderiam assim, afirmar que o mal o dominava e que por esta razão ele amaldiçoaria a vida de seu criador? Seus relatos transparecem uma determinada inocência com o mundo, aprendendo a viver a partir de tudo que observava, o que era algo de conhecimento gradativo e comum para um ser humano, para aquele ser, tudo acontecia ao mesmo tempo e era uma tarefa adaptar-se e descobrir a função e finalidade de cada coisa que surgia em sua frente.

A criatura tentou por muito tempo adaptar-se à sociedade e ser aceita por ela, porém todas as suas tentativas foram frustradas, a partir disso é importante levar em consideração na análise da influência do bem e do mal em sua conduta o quanto o ambiente e a falta de empatia das pessoas que se deparavam com ele o afetaram. Outra situação a ser considerada um marco na quebra de sua moral bondosa é no período de tempo em que ele fica “hospedado” em um casebre e passa a observar a família que vivia naquele lugar. A instabilidade que sua aparência causava era um dos principais pontos de sua rejeição, assim, não conseguia nem ao menos ter o conforto de ter um lugar para morar tranquilamente e garantir dignidade, de modo que desde sempre teve que conviver com escassez de conforto em questão de abrigo e alimentação.

A criatura passou a observar diariamente a família do lugar em que estava, e nesse período de tempo nota-se que ele, apesar de já estar há algum tempo tentando ser aceito e lidando com situações desgastantes que o tornariam vingativo futuramente, ainda demonstrava esperança nos humanos e admiração genuína por aquelas pessoas a quem estava acompanhando, demonstrando ainda não estar tomado totalmente pela ira de ser menosprezado: “Era uma visão adorável, até mesmo para mim, pobre infeliz, que jamais contemplara o belo. O cabelo prateado e as feições benevolentes do aldeão idoso ganharam minha admiração, ao passo que os modos delicados da moça incitaram meu amor” (Shelley, 2017, p. 121.) Examinando o trecho sobredito, pode ao leitor ficar perceptível que o monstro era capaz de identificar o bem, e não somente o mal com o qual sempre fora tratado, e que transparecia ter consciência de divergir as coisas boas das ruins, ainda não tendo sua moral corrompida totalmente. A criatura ao decorrer da história demonstra grande desejo de aprender a se comunicar e a se relacionar, bem como se mostra curioso quanto ao mundo, não é possível definir um momento específico que marca sua mudança de “bom” para ruim, é uma evolução que acontece gradativamente, de início é notório sua ingenuidade, aos poucos ele vai observando a vida acontecendo ao seu redor, e vai moldando seu caráter, desenvolve

sentimentos de empatia que podem ser vistos no seguinte trecho: “Passei o inverno dessa maneira. Os modos delicados e a beleza dos moradores do chalé tornaram-se deveras caros para mim. Quando estavam infelizes, sentia-me deprimido; quando celebravam, partilhava de suas alegrias” (Shelley, 2017, p. 125). A Criatura passa a se preocupar com a família que observa, e torna-se empático com aqueles moradores, desse modo, passa a ajudá-los nas tarefas que observa e que consegue realizar sem que eles o vejam. Os moradores passam a demonstrar gratidão pela ajuda que recebem daquela “mão invisível”, entretanto, a partir do momento que tomam conhecimento de quem é o ser que tem feito tamanha bonança, logo o rejeitam e o consideram como uma ameaça, e mais uma vez, devido a sua aparência, é agredida e novamente sofre rejeição. Observamos que nesse momento, a Criatura tinha total capacidade de destroçar aquelas pessoas pelo modo com que foi destruído, mas, o senso moral o domina e ele se contém, deixando aquele ambiente para trás.

As ações que sucedem apresentam a revolta do monstro, e é notável a presença do mal se desenvolvendo em suas vontades e pensamentos. Seu conflito interno é marcado pelo ódio que começa a se fortalecer contra seu criador, e a Criatura começa a revelar sua fúria por nunca conseguir se encaixar na sociedade e experimentar amizades e amor:

Maldito, maldito criador! Por que vivi? Por que, naquele instante, não extinguiu a centelha de existência que você tão promiscuamente me conferiu? Não sei; o desespero ainda não havia tomado conta de mim, e meus sentimentos eram de fúria e vingança. Poderia, com prazer, ter destruído o chalé e seus moradores, fartando-me com os gritos penetrantes e a desgraça (Shelley, 2017, p. 145).

O trecho acima revela a ira despertada de vez no monstro, que inconformado com sua vida miserável a qual não escolheu viver, começa a nutrir o desejo de vingança a Victor, e aos humanos. Apesar de toda a revolta do momento, que poderia ser uma reação comum de qualquer ser humano, e que o monstro demonstrava ter sentimentos melhores que qualquer um, ele ainda tenta conversar com Victor para que crie um ser do sexo oposto semelhante a ele. Mesmo após vivenciar tanta maldade, a Criatura continua sempre sendo dominada pelo senso de justiça e de esperança de ser gratificado com aceitação e amor. Ainda assim, por mais que sua índole fosse boa, não suportava mais conter toda a raiva que sentia de seu criador, e no seguinte trecho é possível perceber o momento em que dialoga com Victor e caso não aceite seu pedido de que crie uma fêmea para que juntos possam desfrutar de afetos, o destruirá:

[...] Se não puder inspirar amor, causarei medo, e principalmente a você, meu arqui-inimigo pois meu criador, juro um ódio inextinguível. Tenha cuidado: trabalharei para sua destruição, não cessarei até que desole seu coração, de modo que amaldiçoará a hora de seu nascimento (Shelley, 2017, p. 153).

Examinado o trecho acima, vemos que a Criatura está completamente cansada e desgastada pelas situações que passou desde que recebeu a vida, e tem plena consciência de que Victor é o responsável por toda infelicidade que vive. Após isso, Victor percebe que o discurso do monstro é repleto de argumentos justos, e sabia que havia uma grande dívida com aquele ser, percebendo que deveria lhe proporcionar felicidade, entretanto, sabia que ao consentir realizar o que lhe fora pedido, estaria desafiando mais uma vez a moralidade e ciência. Embora a Criatura alegue que se lhe fosse concebido a companhia deixaria seu criador em paz, e nem ele nem nenhum outro humano jamais o veria novamente, de modo que não seria uma ameaça para ninguém, o cientista acaba negando o pedido, e a partir disso é sabido que o monstro só descansará quando tiver sua vingança completa, assim, começa a destruir a vida de seu criador, gerando um final trágico e infeliz para ambos. Assim, notamos que o desenvolvimento do bem e do mal em sua conduta acontece de forma gradual, e que por muito tempo é dominado pelo bem, mas os acontecimentos infelizes acabam moldando sua conduta o levando a não ter outra escolha de fazer justiça se não acabando com a vida de Victor.

3.2 O bem e o mal em *Hamlet*

A peça Shakespeariana *Hamlet* apresenta uma tragédia envolvendo o príncipe dinamarquês Hamlet, a história é uma peça dramática, e seu principal tema é a vingança. A princípio, é importante ressaltar o contexto que rodeia o tema do bem e do mal na peça, e observar que se tratava de um ambiente de nobreza, no qual assuntos políticos repletos de corrupção estavam também à frente desde o início da tragédia.

Para se situar sobre a história do personagem aqui analisado, refere-se a uma peça shakespeariana publicada por volta de 1599 à 1601, que se passa na Dinamarca em um ambiente de nobreza, na qual tem como personagem principal o príncipe Hamlet, que recebe a missão de vingar a morte do seu pai o Rei Hamlet, que em forma de espectro revela ao príncipe que seu próprio irmão e atual rei (Cláudio) é o responsável por sua morte, desse modo, a peça mostra o trajeto de planejamento de Hamlet para matar seu tio Cláudio como ato de vingança, e os conflitos internos que o envolvem fazendo sempre recuar em sua decisão, de modo que ao fim da peça suas escolhas resultam em uma grande tragédia que ceifa a vida de quase todos que faziam parte de sua vida.

Inicialmente, observamos que o príncipe estava vivendo profundamente o luto da morte do pai de forma sólida, sendo descrito com vestes pretas em sua primeira entrada, cores que representam o luto, para dar ênfase a essa afirmação podemos observar logo no primeiro ato:

Rei: Que nuvens são estas ainda te assombrando?

Hamlet: Mas não senhor, estou bem à sombra o sol.

Rainha: Hamlet, querido, larga estas cores sombrias, e te permite olhar o rei como um amigo (Shakespeare, 2015, p.60).

É notório o quanto a perda de seu pai o atormenta, assim como o incômodo que circunda seu ambiente familiar por diversos fatos: a morte do Rei Hamlet, a posse do trono assumida por seu tio paterno Cláudio, e o relacionamento amoroso de sua Mãe Gertrudes com o próprio cunhado, tendo em vista o pouco tempo que a tornara viúva, e logo após viria a questão central da peça: a revelação de que Cláudio era o responsável pela morte do Rei Hamlet, situação que abalaria drasticamente o príncipe.

Ao observar o comportamento inicial de Hamlet, no qual não havia ainda conhecimento da crueldade cometida por Cláudio contra o próprio irmão, pode-se dizer que o príncipe teve apenas uma reação de natureza humana, tornando-se por ora melancólico, não apresentando até então qualquer desejo de vingança. Assim, não é identificável aspectos que indiquem em sua conduta moral uma aparição considerável de vestígios do mal.

A aparição do fantasma do falecido Rei para Hamlet é um marco na tragédia de Shakespeare, a partir desse momento o comportamento de Hamlet muda por completo, embora demore a ser perceptível pelos demais personagens de imediato, pode ao leitor ser visível sua mudança interna em seus pensamentos, e sua confusão quanto a esta aparição inesperada e sobrenatural.

Ao analisar a presença e o desenvolvimento do mal na personalidade e nas ações de Hamlet, é indispensável observar suas características, que apesar de terem se agravado ao decorrer da situação, já eram existentes no personagem. Hamlet demonstrava ser uma pessoa introspectiva e principalmente indecisa em praticamente todas as áreas de sua vida, fato esse que seu famoso monólogo “Ser ou Não Ser” representa bem. A indecisão de Hamlet o trouxe consequências graves em diversas ocasiões, assim como na demanda de realizar sua vingança, que recuou muitas vezes em executar, fazendo com que isso piorasse sua confusão. O personagem é marcado por conflitos internos, embora conflitos externos existam em grande

quantidade em sua vida, as confusões mentais estão sempre o fazendo refletir demais sobre tudo e dificultando a forma com a qual ele enfrenta as dificuldades que surgem em seu caminho.

O personagem Hamlet apresenta uma característica de impulsividade em suas decisões, ou pensa de menos, ou pensa demais, e muitas vezes não consegue se situar sobre os acontecimentos ao seu redor, fazendo com que aja irracionalmente e não enxergue as consequências de suas ações. Algumas cenas podem alegar esses fatos sobre o príncipe, como por exemplo: Ato I, Cena V em que o espectro de seu pai aparece e revela que Cláudio quem orquestrou e executou seu assassinato, nesse momento, Hamlet promete ao pai que o vingará, entretanto, a peça percorre um longo período até a cena final da vingança, pois Hamlet se mostrou totalmente confuso em relação ao que fazer e se realmente deveria fazer, e acabou recuando todas as vezes que deveria realizar sua vingança, arranjando diversas justificativas para seu adiamento.

Outra cena que demonstra que a insegurança, indecisão e procrastinação fazem parte de seu caráter, é no Ato III, Cena III em que Hamlet afirma que será naquele momento que vingará seu pai, e matará seu tio Cláudio, mas ao se deparar com o tio rezando, Hamlet vai aos poucos ao desenvolver de seu raciocínio recuando de sua decisão, em questão de segundos a certeza dele se esvai, e finda justificando que não matará o rei naquele momento em que ele está rezando, para que não tenha chances de ser perdoado por Deus e vá para o céu.

As decisões de Hamlet são constantemente atrapalhadas e impulsivas, seu caráter é marcado por tentar sempre planejar o melhor, e quando se depara com a pressão da situação age impulsivamente. Seu relacionamento conturbado com Ofélia é mais uma tragédia que marca sua trajetória, Hamlet age de modo confuso quanto a Ofélia, ao mesmo tempo em que parece querer estar com ela, apresenta inúmeras divergências que o fazem rejeitá-la, agindo como quem está sempre desconfiado das pessoas ao seu redor. Em diversas cenas Hamlet demonstra indecisão na relação dos dois, muitas vezes por não saber lidar nem consigo mesmo e ser totalmente atormentado por seus pensamentos.

No Ato II Cena I, em um diálogo entre Ofélia e seu pai Polônio, ela revela ao pai que Hamlet havia demonstrado afeição por ela de forma honrosa e lhe demonstrado em palavras que teria sentimentos amorosos por ela, porém, no Ato III Cena I, quando estão tentando descobrir se as atitudes de loucura de Hamlet é aflição supostamente causado por seu amor por Ofélia, Hamlet tem um encontro com ela e profere palavras amargas e ofensivas sobre ela, mandando que vá para um convento e afirmando que nunca a amou, suas palavras saem com impulso sem pensar se a magoariam, assim, mais uma vez, é perceptível que é algo que já faz parte da personalidade vulnerável do personagem.

É indiscutível que as situações moldam a conduta e as atitudes do ser humano, porém, as ações de bem e de mal que podem ser observadas nas ações de Hamlet, são muitas vezes consequentes de suas próprias atitudes impulsivas e irracionais, seu comportamento ocasiona uma sequência de acontecimentos ruins e drásticos que acabam afetando a todos e não somente ao rei Cláudio, a quem deveria ser o único prejudicado tendo em vista que a vingança que Hamlet jura ao pai seria de matar apenas o rei, mas, a indecisão do príncipe e todas suas ações descontroladas vão gerando dramas na vida dos demais personagens, até mesmo por aqueles a quem ele nutre afeto.

A morte truncada de Ofélia, é algo também supostamente desencadeado pelas frustrações e desilusões causadas por Hamlet na vida da jovem, embora seja impossível alegar sua responsabilidade em tal feito, o modo como ela pode ter sido rejeitada e afastada pelo príncipe, a quem acreditava gostar dela, pode ser sido um fator que causou tamanha tristeza em sua vida. Hamlet lamenta a morte de Ofélia, e mesmo após todo o tratamento rude com ela, em seu funeral alegou amá-la mais que mil irmão, confrontando Laertes.

É sabido que há diversos modos de interpretar a conduta de Hamlet e a presença dos elementos do bem e do mal em suas ações, sendo algo muito complexo definir seu caráter como bom ou ruim tendo em vista a ambiguidade e lutas mentais que envolvem o personagem, assim como seu grande lema de estar sempre raciocinando entre o que é certo e errado de se fazer. Algumas cenas merecem atenção para examinar a presença do bem e do mal no personagem e como as situações o moldam na peça. Partindo do ponto principal que o faz tomar uma atitude impulsiva e implantando o desejo de vingança nele, na cena de aparição do espectro do pai, Hamlet promete que irá vingá-lo:

Espectro – Vinga esse assassínio vil e antinatural

Hamlet – Assassínio!

Espectro – Assassínio o mais vil, como todo há de ser, mas esse mais estranho, vil e inatural.

Hamlet – Fala logo, que eu, com asas bem mais rápidas que a meditação e os pensamentos do amor, voarei pra vingança (Shakespeare, 2015, p. 77).

Ao prometer vingança ao pai, Hamlet nem ao menos espera que a revelação de quem é o assassino chegue, essa atitude é o que o levará a todas as consequências que advirão de sua promessa. Essa atitude demonstra seu costume de fazer escolhas impulsivas e mal pensadas, e também seu conflito entre o que é certo e errado, agindo a princípio apenas pela euforia de buscar justiça, e sempre após essas atitudes, começa a se questionar sobre a natureza ética do

que quer fazer, o que o faz sempre recuar. Apesar da rápida afirmação de realizar a vingança, Hamlet procrastina em sua tarefa, o que mostra sua insegurança quanto ao que deve fazer. Observemos o seguinte pensamento:

Segundo Girard, Hamlet perde a fé “na justiça de sua própria causa”, algo imprescindível “para executar uma vingança com convicção”, pois percebemos que a vingança possui uma inerente continuidade, ou seja, um ato vingativo terá como resposta outra retaliação e assim sucessivamente” (Girard, 2010, p. 502-502 apud Monteiro, 2021, p. 100).

Assim, é possível notar que Hamlet duvida de seus próprios planos, pois se vê incapaz de encontrar um bom momento para matar seu tio, além de estar lidando sozinho com essa carga extrema de luto e revolta, e não poder compartilhar da indignação do assassinato de seu pai.

Outra cena que revela mais uma consequência de tudo a que foi submetido e mais um traço de sua personalidade é a manipulação que ele faz durante a encenação de uma peça na qual ele pede aos atores que encenem a traição de Cláudio, meio que achou de expor o crime cometido por ele. Um adicional que pode ser analisado como uma interferência das situações em seu caráter é a intrigante “loucura” de Hamlet, que há pontos que defendem ser genuína, e outro que defendem que não passava de um fingimento, todavia, sendo fingimento ou não, a loucura genuína pode ser consequência dos acontecimentos ao quais ele passou, como a perda de seu pai e a revelação do assassino, como a busca por vingança e o questionamento entre estar fazendo o certo ou não, assim como tratando-se de fingimento também pode ser visto como uma reação derivada das mesmas situações já citadas.

É notório as emoções conturbadas de Hamlet, e o quanto tudo que ele passa durante a peça vai gerando uma grande carga emocional que afeta drasticamente em suas ações. A Morte de Polônio eleva essa carga emocional, pois ele confunde Polônio com Cláudio, e o mata inocentemente em seu lugar. Hamlet culpa o rei Cláudio por todas as coisas ruins que aconteceram em sua vida:

Hamlet – E então, tu não achas que agora é meu encargo – que o que matou meu rei, prostituiu minha mãe, que se pôs entre o trono e as minhas esperanças, e que jogou o anzol visando minha vida, e co’essa manha toda – que honro a consciência matando o com o meu braço? E não é condenável deixar que esse cancro da natureza humana continue com seus crimes? (Shakespeare, 2015, p. 183).

Tendo em vista o trecho acima, notamos que Hamlet condena Cláudio pelo rumo que sua vida tomou. O Ato final é o ápice da tragédia, o duelo entre Hamlet e Laertes termina em todos mortos, por consequência de inúmeros fatores: Cláudio aposta em Laertes para acabar com Hamlet devido ao seu comportamento de louco, e usa Laertes pois sabe do ressentimento

que ele sente pelo príncipe após perder sua irmã e seu pai já nutrindo em si essa vontade; As justificativas pessoais de Laertes que o fazem agir como traidor envenenando a arma que usaria no duelo; O rei envenena a taça para que Hamlet beba e morra; Hamlet encontra um chance de realizar sua vingança no momento final ao perceber que a arma com que foi ferido e que feriu Laertes estava envenenada, desse modo aproveita para desferir um golpe no rei; todas essas situações que formam o clímax da peça são consequências da promessa de vingança de Hamlet no início, e que de tanto recuar e tomar atitudes imprudentes ao tentar fazer o que era certo, finda em uma grande tragédia na qual praticamente todos morrem.

4 CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE OS PERSONAGENS HAMLET E A CRIATURA DE *FRANKENSTEIN*

Apesar do lapso temporal na história da literatura na publicação de ambas as obras, percebe-se semelhanças e diferenças presentes nos personagens estudados, assim, sendo possível destacá-las em diversos pontos, relacionando um ao outro independentemente de uma se tratar de uma tragédia shakespeariana e a outra ser uma ficção científica. Desse modo, realizaremos nesse tópico um estudo comparativo entre ambos os personagens supracitados, levando em consideração todos os pontos levantados nos tópicos acima.

Tanto Hamlet quanto a Criatura de *Frankenstein* enfrentam conflitos internos e externos, e a busca por vingança. Ambos os personagens sofrem com a falta da figura paterna, enquanto Hamlet busca vingança contra o Rei Cláudio por ter assassinado seu pai, a Criatura busca vingança contra aquele que deveria exercer esse papel paterno, mas que o abandona.

Os personagens vivem uma busca por justiça, e vivenciam dilemas morais sobre o que é certo ou errado. Em Hamlet, é possível observar o quanto esse dilema ético e moral o perturba, travando lutas internas que despertam suas atitudes de desconfiança, receio, imprudência e procrastinação. A Criatura também tem em si um desejo de justiça contra seu criador, pois questiona sobre sua atitude em criar um ser como ele, incapaz de ser aceito pela sociedade devido a sua aparência, assim, tendo consciência da gravidade da ação de Victor em criá-lo, desafiando a moralidade, a ética e a ciência. Em Hamlet, podemos observar uma das manifestações de conflitos internos do personagem por meio do seguinte trecho: “Hamlet – Ser ou não ser: eis a questão: saber se é mais nobre na mente suportar as pedradas e flechas da fortuna atroz, ou tomar armas contra as vagas de aflições e, ao afrontá-las, dar-lhes fim” (Shakespeare, 2015, p. 111). Esses questionamentos e pensamentos de profunda reflexão são características perceptíveis nos dois personagens analisados, notamos essa mesma linha de

conflito interno na Criatura de *Frankenstein*: “Maldito, maldito criador! Por que vivi? Por que, naquele instante, não extingui a centelha de existência que você tão promiscuamente me conferiu? Não sei; o desespero ainda não havia tomado conta de mim [...]” (Shelley, 2017, p. 145). A angústia sobre a própria existência são marcos de ambos os personagens, tanto Hamlet quanto a Criatura enfrentam dilemas morais devido as injustiças que os cercam, e questionam seus deveres e seu lugar no mundo.

Outro fato semelhante entre os personagens, é o distanciamento social, Hamlet acaba tendo um certo senso de isolamento, afastando-se das pessoas devido aos problemas em seu ambiente familiar e político. A Criatura é afastada socialmente devido a sua aparência, fazendo com que ele seja rejeitado e conseqüentemente, mantendo-se distante da interação social tanto por não saber interagir, quanto por ter noção do tratamento que receberia se ele se aproximasse. Embora as motivações do isolamento social de ambos sejam diferentes, ainda assim é algo a se comparar.

No Ato II Cena II, em um diálogo de Hamlet com Rosencrantz e Guildenstern, ele associa a Dinamarca à uma prisão: “Então, não é uma prisão para vocês. O bom e o mal não existem, é o pensamento que os faz assim. Para mim é uma prisão” (Shakespeare, 2015, p. 96). Ainda no mesmo ato e cena, Hamlet revela não se contentar mais com as coisas que costumavam lhe deixar animado, e busca cada vez mais se distanciar das pessoas pois não se reconhece naquele ambiente corrupto e injusto, assim como esboça não ter confiança em ninguém. A Criatura de *Frankenstein* também prova de um distanciamento social gerado pela rejeição:

Lembrei muitíssimo bem do tratamento dispensado pelos aldeões bárbaros na noite anterior e decidi qualquer que fosse o rumo da conduta que daquele momento em diante acreditasse ser a correta, que no momento permaneceria quieto em minha choupana, assistindo e procurando descobrir os motivos que influenciaram suas ações (Shelley, 2017, p. 123).

Na citação acima, a Criatura desejava juntar-se a família que estava observando, entretanto, recordou do tratamento que recebeu quando teve contato com outras pessoas, embora não entendesse as razões que o fizeram rejeitá-lo, sabia que não era seguro aproximar-se. Dessa forma, a Criatura é continuamente afastada do convívio social devido a sua aparência incomum.

É observável os conflitos internos que os dois personagens enfrentam na questão de tentar equilibrar suas escolhas de como agir perante o que estão sentindo, e o que julgam ser certo, pois mesmo que eles tentem raciocinar sobre sua própria conduta moral, há uma grande

carga emocional devido aos acontecimentos que circundam suas vidas causando grande sofrimento e impactos psicológicos.

Para finalizar essas ponderações de semelhanças entre os personagens, mas não menos importante, pensemos na tragédia que envolve o destino final das suas histórias, a busca por justiça, vingança, e seus dilemas morais os levam a ter a conduta e as ações moldadas ao decorrer de suas trajetórias, o que fez com que o final de ambos fosse marcado por tragédias, destruindo não só as próprias vidas, mas também daqueles que o cercavam. Essas consequências podem ser vistas como decorrentes da presença do bem e do mal e o impacto que todas as situações ruins as quais foram expostos afetassem drasticamente suas ações, corrompendo-os mesmo com as tentativas de fazer o certo e justo. Em *Hamlet*, o final resulta na morte de vários personagens, incluindo o próprio protagonista, final esse que foi o resultado da indecisão e falta de coragem de Hamlet em vingar seu pai, após tanto recuar em matar Cláudio, a história foi sendo levada até que o controle é perdido, consumando a tragédia. O final da Criatura de *Frankenstein*, também resulta na morte de Victor Frankenstein e das pessoas que ele amava, bem como uma completa infelicidade para a Criatura.

Ainda como parte desse estudo comparativo, é necessário ressaltar também as divergências presentes entre os dois, apesar da semelhança entre a busca por vingança, as motivações que os levam a realizá-la são diferentes, a de Hamlet é demorada e repleta de recuos, e a da Criatura é objetiva e sem rodeios. A vingança de Hamlet é motivada devido ao ambiente conturbado de sua família real, e a traição de seu tio Cláudio. Por outro lado, a Criatura planeja sua vingança após perceber que seu criador o abandonou e se esquivou de todas as formas de ajudar sua criação, além de tentar muito ser aceito pela sociedade, mas notar que dificilmente conseguiria mudar a perspectiva que as pessoas tinham pela sua aparência, não poderia mudar como as pessoas o enxergavam e muito menos seu aspecto físico. Ademais, é preciso considerar os diferentes contextos aos quais estão inseridos, tanto em questão de época e sociedade, quanto em questão de gênero literário.

Diferente de Hamlet, a Criatura precisou desde sempre lidar com o desconforto para sobreviver, enquanto Hamlet, a começar pelo próprio título de príncipe, vivia em uma corte, assumindo uma posição respeitável pelos demais, vemos um exemplo disso na seguinte fala do Rei Cláudio ao se referir ao príncipe “É doce e louvável em vossa essência, Hamlet[...]” (Shakespeare, 2015, p. 61). Por outro lado, a Criatura é sempre rebaixada as piores coisas, e totalmente excluída “[...] fui benevolente; minha alma ardeu de amor e de humanidade; mas não estou só, miseravelmente só? Você, meu criador, me abomina; que esperanças posso ter de seus semelhantes, que nada me devem? Tratam-me com desprezo e detestam-me” (Shelley,

2017, p. 114). Percebe-se então que a Criatura tem uma grande angústia ao ter consciência de estar completamente abandonado e desesperançoso quanto a ser aceito pela sociedade.

Outro ponto importante que diferencia os personagens, principalmente em relação a presença do bem e do mal no caráter de ambos, é que a Criatura embora desejasse ser amada e aceita, nunca pôde desfrutar de tal felicidade, como lamenta “Em todo lugar vejo a felicidade que somente a mim é irrevogavelmente negada... a infelicidade transformou-me em um demônio” (Shelley, 2017, p. 113), nunca recebeu nenhuma oferta de amor e esse foi um dos grandes fatores para que ele tivesse tanto ressentimento e revolta aos humanos, ainda propôs que Victor criasse uma fêmea semelhante a ele para que lhe fizesse companhia, para que pudesse desfrutar do contato com outro ser:

Se não tenho laços e afeições, ódio e depravação serão minha sina. O amor de outrem destruirá a causa de meus crimes e me tomarei uma coisa cuja existência todos ignorarão. Meus vícios são frutos de uma solidão forçada que abomino e minhas virtudes necessariamente surgirão quando viver em comunhão com um par. Sentirei as afeições de um ser sensível e me tornarei unido ao elo da existência e dos acontecimentos dos quais agora estou excluído (Shelley, 2017, p. 154).

A negação de Victor fez com que sua criação desejasse definitivamente destruí-lo para que assim como ele, também não pudesse desfrutar da felicidade e dos prazeres de existir. Já Hamlet, é sabido que havia algo entre ele e Ofélia, mesmo que superficial, mas ela era alguém que desejaria amá-lo e ser amada por ele, entretanto, o próprio Hamlet rejeita esse sentimento: “Ofélia – Meu senhor, tenho comigo lembranças suas que já há algum tempo desejava devolver-lhe. Eu rogo que as receba agora. Hamlet – Não, eu não. Eu nunca lhe dei nada” (Shakespeare, 2015, p. 112). Hamlet teve oportunidades de desfrutar do amor e afeição, era aceito sem medir esforços e sem precisar ser cauteloso com as pessoas por medo da rejeição, ao contrário da Criatura, que embora desejasse muito compartilhar afetos com outros indivíduos e se esforçasse sempre para ajudar e causar boas impressões que pudessem despertar a compaixão das pessoas, nunca obteve êxito pois sua aparência causava mais impacto do que sua benevolência.

Concluindo essa análise comparativa de diferenças entre os objetos de estudo, os resultados trágicos que ambos os personagens causam são derivados de diferentes situações, a de Hamlet sendo influenciada devido a motivações por poder, na qual seu tio Cláudio age como traidor para tomar o trono de seu irmão, além disso, há a mágoa de Hamlet por sua mãe em tão pouco tempo depois do falecimento do Rei Hamlet ela ter se envolvido com o próprio cunhado. A Criatura, embora também tenha causado tragédias em sua vida e na vida de Victor, o que alavancou esses acontecimentos foram sua busca por ser aceito, e seu conflito com sua própria existência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos aspectos analisado no presente trabalho, o estudo das obras *Hamlet*, de Shakespeare e *Frankenstein* de Mary Shelley proporcionaram um estudo comparativo entre os personagens Hamlet, e a Criatura de *Frankenstein* no qual foi possível observar as semelhanças e divergências entre os dois personagens, baseando-se nas reflexões da fundamentação teórica já apresentada anteriormente.

O presente trabalho possibilitou a comparação entre os personagens estudados, ofertando observar como o bem e o mal tiveram influência na vida deles, de modo que pôde-se notar que os acontecimentos ruins e o sofrimento que vivenciaram tiveram grande impacto em suas ações, levando em consideração também a personalidade de cada um que foi sendo reformulada ao decorrer dos conflitos internos, da luta por tentar equilibrar o que era certo ou errado, da busca por justiça, e que todos esses aspectos foram as causas de suas escolhas e pela busca por vingança, resultando em um final trágico para eles e para as pessoas ao seu redor.

A literatura comparada e as reflexões filosóficas utilizadas na fundamentação desse artigo foram responsáveis pela concretização da pesquisa, assegurando que as obras e o tema do bem e do mal se relacionassem, realizando assim a comparação entre os personagens, alcançando assim resultados satisfatórios, nos quais notamos como o bem e o mal se comporta e tem impacto nas ações, pensamentos e caráter dos personagens, bem como se comporta na literatura.

Ao finalizar essa pesquisa, ressaltamos a importância desse trabalho e suas contribuições acadêmicas para a área de estudo, ao realizar essa reflexão acerca do bem e do mal na trajetória dos personagens Hamlet, e da Criatura de *Frankenstein* notamos a importância do tema, contribuindo e abrangendo o campo de pesquisa aqui estudado, mostrando como acontece a construção dos personagens, tendo em vista que foi analisado o desenvolvimento de cada um nas obras. Esse trabalho também proporciona relacionar como as obras literárias mesmo com o passar dos anos de publicadas podem tratar de temas atemporais e atuais, como a moralidade.

Por fim, podemos ver como o tema do bem e do mal se desenvolve na literatura, e como ele está presente em diversas áreas da arte e da vida, e como as reflexões sobre o tema podem proporcionar uma visão mais expandida acerca dele para a área da literatura e da filosofia, contribuindo para futuros estudos.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**; Poética / Aristóteles; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. — 4. ed. — São Paulo: Nova Cultural, 1991. — (Os pensadores; v. 2)
- BATAILLE, Georges. **A literatura e o mal**. Tradução de Suely Bastos – Porto Alegre: L&PM, 1989.
- BEM, In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/bem/>. Acesso em: 09/05/2024.
- CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada**. 4. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.
- HOBBS, Thomas. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Editora Martin Claret, Coleção Obra prima de cada autor, Série Ouro, 7ª ed. 2011.
- LISBOA, Camila. **Introdução ao Existencialismo: perspectivas literárias**. *Problemata: R. Intern. Fil.* v. 7. n. 2 p. (254-267), 2016.
- MAL. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/mal/>. Acesso em: 09/05/2024.
- MONTEIRO, Marco Antônio S. **Há algo de podre na vingança: Hamlet segundo a filosofia de René Girard**. *A Palo Seco – Escritos de Filosofia e Literatura*, São Cristovão (SE), N. 14, p. 99-110, jan-dez. 2021
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio; ou, Da educação**; tradução de Sérgio Milliet. – 3. ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- SHAKESPEARE, William. **A Tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca / William Shakespeare**; tradução de Lawrence Flores Pereira. – 1ª ed. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.
- SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. Tradução de Márcia Xavier de Brito, Carlos Primati. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2017.